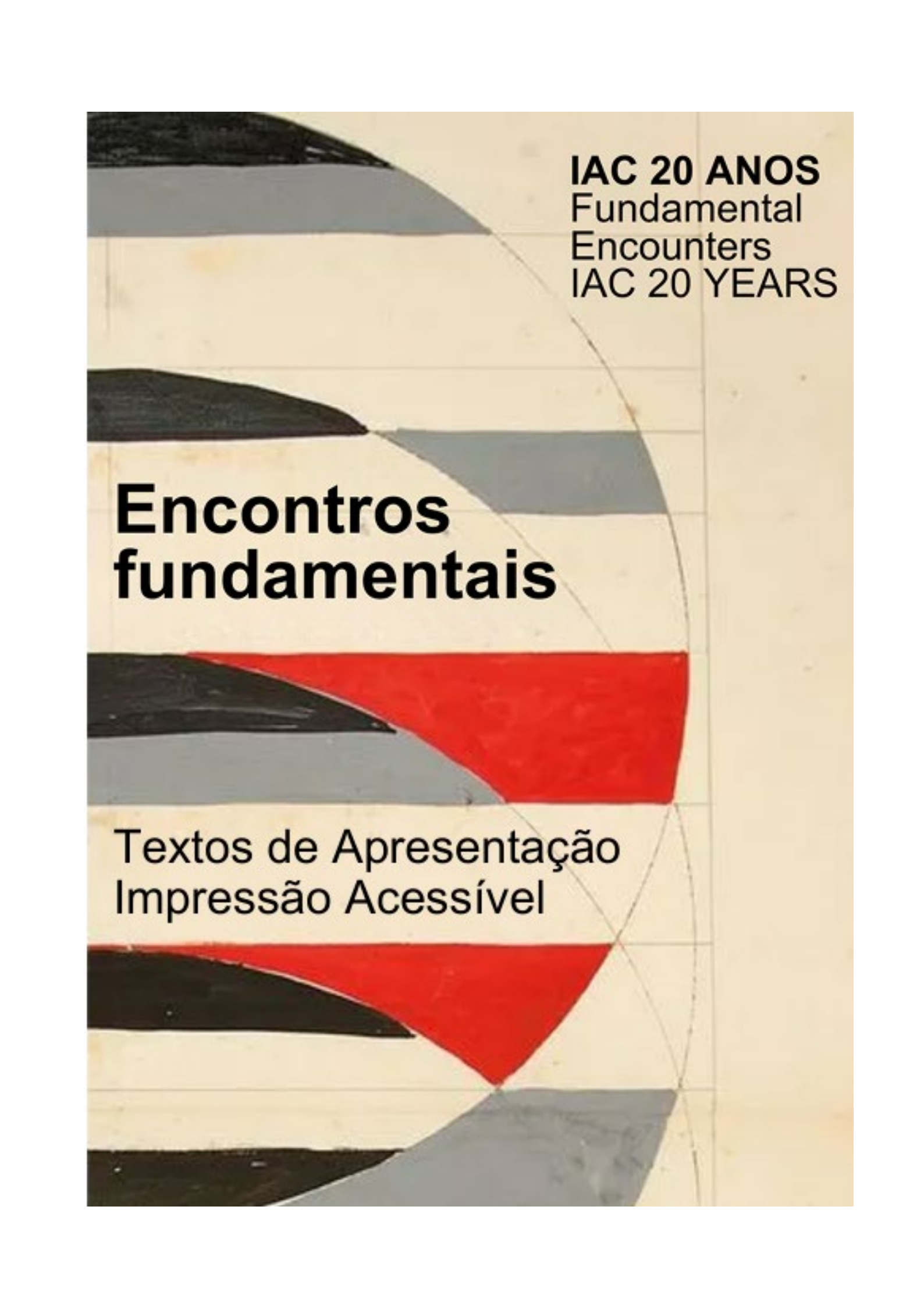




IAC 20 ANOS
Fundamental
Encounters
IAC 20 YEARS

Encontros fundamentais

Textos de Apresentação
Impressão Acessível

ENCONTROS ACIDENTAIS E FUNDAMENTAIS

Em 1987, uma inundação no ateliê de Willys de Castro, decorrente de uma tempestade, forçou a mudança emergencial de um grande volume de documentos e projetos que, salvos daquela tragédia, me foram confiados.

Em 1990, Sergio Camargo, grande amigo e artista por mim representado há dezoito anos, veio a falecer. Seu espólio artístico, acrescido de documentos de trabalho, fora-me entregue por seus herdeiros. Essa documentação chegou em um armário, um móvel do tempo em que o artista vivia na França.

A vasta documentação do acervo do Sergio, que passou para minha tutela, imediatamente me forçou a recolhê-los num espaço neutro, que chamamos de Casa Hum, espaço intermediário para o começo de um trabalho que estava ainda se definindo, e que operou de 2003 a 2006, quando foi concluída a reforma da sede do Instituto de Arte Contemporânea (IAC) na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP).

Debrucei-me sobre essas heranças culturais constatando que tanto Willys quanto Sergio apontaram um novo caminho para a minha trajetória. Estes dois conjuntos de documentos, de Willys e de Sergio, foram a inspiração para a criação do IAC, em 1997.

A iniciativa, que tinha como propósito conservar, proteger e difundir o precioso legado desses grandes artistas, suscitou meu interesse e preocupação em relação a outros artistas importantes, também carentes desses cuidados em torno dos documentos que mantiveram ao longo de sua carreira. Esses objetivos se transformaram na essência do projeto, único e inédito no Brasil.

Para ordenar os documentos de Willys de Castro, pleiteei o apoio e patrocínio da Fundação Vitae, que apoia projetos culturais dessa natureza. Foi o meu primeiro encontro com Marilúcia Bottallo, pesquisadora e museóloga selecionada para fazer o inventário crítico de Willys.

Em 2006, ela integrou a área técnica do IAC para criar o Núcleo de Documentação e Pesquisa.

Rodrigo Naves e Lorenzo Mammi foram os responsáveis por indicar o espaço da antiga sede da Faculdade de Filosofia da USP, que nos acolheu com a condição de reformá-la. No contrato de comodato, para cada 1 milhão de reais que captássemos, teríamos 5 anos de permanência. Captamos 5 milhões e o IAC financiou a recuperação do então precário espaço na USP. No entanto, o contrato não foi cumprido e acabamos despejados pelo novo reitor da USP em nosso terceiro mandato de comodato, em 2011.

Passamos por vários percalços para realizar a mudança de sede, mas mantivemos a qualidade do cuidado com os acervos sob nossa responsabilidade e com os novos que continuaram chegando. Em 2011, fomos acolhidos em comodato pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (Febasp), que atualmente também necessita de mais espaço. Somos muito agradecidos pelo apoio durante todos esses anos de parceria.

A importância do trabalho desenvolvido pelo IAC, seja por meio de exposições fundamentais ou pelo trabalho de documentação, nos rendeu, entre outros, o prêmio da Associação Paulista de

Críticos de Arte (APCA) de Melhor Iniciativa Cultural em 2006.

Como estímulo e prova de confiança nessa proposta, que hoje se tornou o meu legado cultural, novos acervos de artistas, com os quais também tive longo convívio desde o começo de minha trajetória, vêm sendo sistematicamente incorporados ao acervo do IAC. O profissionalismo destacado no tratamento desses materiais é reconhecido internacionalmente.

Por ordem, o IAC incorporou os seguintes conjuntos documentais: Sergio Camargo, Willys de Castro, Amilcar de Castro, Sérvulo Esmeraldo, Lothar Charoux, Luiz Sacilotto, Hermelindo Fiaminghi e Iole de Freitas.

Das exposições realizadas, destacamos: Amilcar de Castro, Mira Schendel, Sergio Camargo, Willys de Castro (2006), mostra que inaugura o espaço no Maria Antonia com curadoria de Rodrigo Naves e Tiago Mesquita; Campo ampliado (2007-2008), que teve grande visitação e contou com a curadoria de Paulo Sérgio Duarte; Absorção e intimismo em Volpi (2008-2009), com curadoria de Sônia Salzs-tein;

Brasil: Figuração Abstração no final dos anos 40 (2011-2012), com curadoria de Glória Ferreira; Waltercio Caldas: o atelier transparente (2015-2016), com organização de Waltercio Caldas; Willys de Castro lado a lado (2016), com curadoria de Gabriel Pérez-Barreiro;

IAC 20 Anos (2017), com curadoria de Jacopo Crivelli Visconti entre muitas outras.

Ao completarmos vinte anos de existência ininterrupta, surgiu a possibilidade de uma sede própria, o que garantiria a continuidade de nossa cuidadosa identidade, a expansão do processo de arquivamento e a ampliação das pesquisas.

E é justamente no campo das pesquisas que o IAC se tornou fundamental como fonte de informação para curadores, historiadores de arte, críticos, artistas, mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos, entre outros. O IAC tem sido modelo para trabalhos importantes e mantém parcerias sistemáticas com

instituições de referência na área cultural, tais como museus, galerias e centros culturais do Brasil e, principalmente, do exterior, para a produção de textos, livros, artigos, exposições e curadorias.

Entre as instituições para as quais o IAC já forneceu dados e informações, e cedeu acervo, podemos citar a Tate Modern, de Londres, a Fundação de Serralves, do Porto, o Getty Museum, de Los Angeles, e o Museum of Modern Art (MoMA), de Nova York, entre outras.

Recentemente, integraram a exposição Sur Moderno: Journeys of Abstraction - The Patricia Phelps Cisneros Gift (2019-2020), no MoMA, os estudos litográficos e aquarelas sobre papel milime-trado de

Willys de Castro, que estão sob a guarda dos arquivos do Instituto de Arte Contemporânea.

Desde sempre tenho alegria em afirmar que prevaleceu a amizade e a confiança, tanto por parte dos herdeiros como dos próprios artistas (já que o IAC começou a receber acervos de artistas vivos), e de toda a equipe e colaboradores. O projeto é bem-sucedido sobretudo em função disso.

Agradeço também a nossa dedicada equipe: Cristiane Bloise, David Forell, Jeane Gonçalves, Marilúcia Bottallo, Vinícius Marangon, Teresa Cristina Abbud e outros.

RAQUEL ARNAUD

UM ACERVO VIVO

As comemorações pelos vinte anos do Instituto de Arte Contemporânea, que culminam com a inauguração da nova sede da instituição e a publicação deste livro, começaram em 2017, com a exposição *IAC 20 anos*, que teve a oportunidade de curar. A mostra reunia desenhos, fotografias, projetos, maquetes, peças gráficas, recortes de jornal e publicações, provenientes dos fundos de cada um dos artistas que integravam, naquele momento, o acervo da instituição.

A seleção foi pautada por um critério fundamental: mostrar a abrangência e a qualidade do material sob a guarda do IAC e sua importância para a

compreensão de alguns momentos chave da história da arte brasileira das últimas décadas. A decisão de incluir material tão diversificado nascia da convicção, de certa forma norteadora das atividades da instituição, de que a trajetória de um artista é muito mais rica do que se percebe ao olhar apenas suas obras-primas, além de permitir evidenciar a riqueza e a variedade dos documentos e objetos que compõem o acervo do IAC.

A exposição também buscava enfatizar como esse acervo pode e deve ser considerado “vivo”: constituído sobretudo por desenhos, esboços, projetos e anotações, está, pela própria natureza, em um estado de permanente potência, podendo, a qualquer momento,

desdobrar-se e revelar-se, seja por meio de exposições, seja tornando-se embrião ou base de pesquisas, tanto acadêmicas quanto artísticas e poéticas.

Longe de constituir um catálogo da exposição, no sentido convencional de registro, este livro pode ser considerado quase um contraponto a ela, na medida em que envereda por caminhos bastante distintos, apontando para algumas entre as inúmeras possibilidades de pesquisa latentes no riquíssimo acervo do IAC. De outro ponto de vista, também seria possível afirmar que o livro complementa a exposição, ao mostrar como a investigação no acervo pessoal de um artista – e, mais ainda, de um conjunto de artistas, como o que está reunido na

instituição – permite aprofundar aspectos importantes da história da arte recente, tanto brasileira quanto, pelo viés dessa, internacional.

Apesar de focar principalmente a produção brasileira da segunda metade do século 20, as reflexões reunidas aqui reverberam muito além do âmbito nacional, como demonstra, por exemplo, o ensaio de Michael Asbury, “*E Agora José? Sergio Camargo e os circuitos internacionais de arte nos anos 1960*”. A premissa implícita na pesquisa é precisamente a relevância internacional da arte brasileira no início da década de 1960, e sua profunda sintonia com tendências experimentais no exterior.

Ao reconstruir a contribuição de Sergio Camargo para a afirmação de outros artistas brasileiros no estrangeiro, em especial na vibrante cena londrina de meados dos anos 1960, Asbury contribui para colocar em perspectiva o papel do artista carioca em um momento seminal na história da arte brasileira, e isso em um âmbito que transcende a produção artística propriamente dita.

Por essa ótica, aliás, é interessante notar como, em consonância com a própria natureza do acervo do IAC, todas as contribuições reunidas aqui, mesmo que

partindo de pontos de vista muito diversos, exploram aspectos que extrapolam o campo da arte.

Se Asbury aborda a visibilidade da produção brasileira no exterior, o texto de Aleca Le Blanc, “Redesenhando a educação e reinventando a pesquisa: os artistas concretos e a segunda revolução industrial no Brasil”, propõe uma releitura da poética concreta a partir do prisma da educação e da pesquisa, olhando para o contexto brasileiro da época a partir das tendências internacionais nessas áreas; ao mesmo tempo, conduz uma investigação muito precisa sobre as técnicas e soluções práticas empregadas pelos artistas.

Ao considerar a obra de Willys de Castro, Alberto Salvadori, por sua vez, parte do acervo do IAC para traçar o retrato de uma “figura extremamente multifacetada”, que não pode ser circunscrita a um âmbito ou movimento. Seguindo os passos da trajetória eclética e profundamente humanista de Willys de Castro, Salvadori acaba por debruçar-se sobre aspectos e momentos não diretamente ligados a sua produção artística, talvez mais conhecida e que, contudo, ganha outra dimensão em uma visão de conjunto.

Considerando que o livro foi concebido para reafirmar a relevância do IAC no aprofundamento da reflexão crítica sobre

algumas décadas da produção artística brasileira, mas também para mostrar a força viva e vibrante de seu acervo, pareceu-nos apropriado convidar, além de críticos e acadêmicos, também uma artista para mergulhar e deixar-se influenciar por esse material.

Respondendo ao desafio, o ensaio de Carla Zaccagnini propõe um olhar extremamente pessoal para o inabarcável conjunto de documentos e objetos, “morto de vontade de se revelar”, como ela diz.

Livre e poética, sua contribuição é fruto de uma convivência intensa com o acervo documental da instituição. Sua narrativa, quase exclusivamente visual, poderia ser definida como duplamente pessoal:

enquanto reflete a própria personalidade da autora, capaz de olhar de maneira única para esse conjunto de materiais, também resgata fragmentos da vida pessoal e íntima dos artistas de cujos fundos eles emergem.

É como se essas duas perspectivas, de quem olha e de quem é olhado, se fundissem para dar vida a um relato que, além de fascinante em si mesmo, é precioso, porque confirma que instituições como o IAC podem ser lugares para encontros surpreendentes e descobertas inesperadas.

JACOPO CRIVELLI VISCONTI